AXOLOTLE ATROPELADO

AXOLOTLE ATROPELADO

HELENE HEGEMANN

TRADUÇÃO ANDRÉ DELMONTE

intrínseca

Copyright © 2009 Helene Hegemann

TÍTULO ORIGINAL
Axolotl Roadkill

PREPARAÇÃO
Dennis Gerstenberger

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Peterso Rissatti

REVISÃO
Lucas Vieira

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H363a Hegemann, Helene
Axolotle atropelado / Helene Hegemann ; tradução de André Delmonte. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.
208p. : 21cm

Tradução de: Axolotl Roadkill
ISBN 978-85-8057-058-8

1. Ficção alemã. I. Delmonte, André. II. Título.

11-2469 CDD: 833
CDU:821.112.2-3

[2011]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Lilly Sternberg

"We love to entertain you."
(*Pro7*)*

* "Adoramos diverti-lo": slogan da rede de televisão Pro7. (*N. do E.*)

Ok, a noite, de novo uma luta contra a morte, os farrapos de um sono torturado pelo medo, meu quarto de criança estremecido por orquestras regidas pelo destino e todas aquelas vozes de invasores no pátio dos fundos, gritando o meu nome sem parar. Nenhum barulho das ruas principais e nenhum gemido de monstros sofredores, tão feios e fortes, recém-libertados das suas amarras. Somente as claves da escuridão absoluta, os guinchos na cabeça, um tamborilar não ritmado, que merda. Antes tudo jorrava como vômito adolescente e agora é literatura suada.

Acordo desorientada, às quatro e meia da tarde, enrolada num lençol e acima de tudo, antes de tudo, entediada comigo mesma. Me encolho. Não sei como, tem sangue escorrendo do meu ouvido direito, trançando-se como uma coroa de louros na minha testa. Ilumina-se à minha frente algo que descubro ser a feiura da alta sociedade: dois cigarros, duas carreiras de ritalina que, por medida de higiene, foram cheiradas com uma nota fiscal em vez de usarmos notas de dinheiro, queijo parmesão ralado e uma suposta depressão nervosa de proporções preocupantes, causada provavelmente pela quetamina. Há vários meses tenho os sonhos mais loucos sobre diagnósticos de câncer. Não são pesadelos, mas algo que vai mais fundo, e sempre acordo aos gritos, porque são tantos os pensamentos que não dá mais para distinguir os meus dos pensamentos alheios. Diante de tantos excessos gastrointesti-

nais aliados a surtos de medo, quero me jogar do terceiro andar, mas em vez disso ligo a tevê na RTL II e está passando um programa irado sobre animais. O programa termina como se fosse um episódio de televisão louco. De repente aparece um chacal esperto e depois mostram a manada de fuinhas que é quase dilacerada pelo chacal numa cena inteira. E o telespectador pensa cheio de amor: pois é, Deus me perdoe, mas essas merdas dessas fuinhas são tão estúpidas que de alguma maneira não mereciam nada mais do que virar comida de chacal.

Consigo me masturbar assistindo a filmes pornô hardcore de qualidade superior ou então olhando primeiro para as unhas dos dedos da mão e depois para o espelho. Meus apêndices cutâneos se transformaram num encadeamento de eczemas incrustados e os meus cílios estão caindo.

Neste instante tudo volta a ficar em silêncio.

Não um sopro de sociabilidade com o qual se abre uma rota marítima firme, mas apenas um sóbrio vento de merda de início de verão. Não fui à escola. Cinco minutos antes do intervalo do almoço eu estava debaixo das cobertas, com um medo mortal, taquicardia e a cada passo lutando contra a dor de cabeça que ricocheteava dentro do meu crânio, se bem que, na verdade, naquele momento eu deveria estar pensando:

Tudo bem, hoje, só pra variar, vou ter contato com um tomate, afinal tenho que retirá-lo do meu sanduíche, no qual foi enfiado por um progenitor cioso de sua responsabilidade.

Uma hora depois do término das aulas estou de pé em frente ao espelho, de pernas abertas, no fluxo vazio das lembranças do sorriso empapado de suor da noite anterior e da força daqueles ritmos dançantes repetitivos que surge de suas próprias cinzas.

Quero construir um orfanato no Afeganistão e ter muitas roupas. Não necessito apenas de comida e de um teto sobre a minha cabeça, preciso de três mansões com acabamento em branco titânio, totalmente mobiliadas, até onze prostitutas diariamente,

pelo menos, um uniforme soviético felpudo e da Chanel, chique, envolvente, que recorde a elegância dos dourados anos 1920. Assim, deixam de existir expressões do tipo experiência própria e *borderline*. E não existe ninguém que aja como se te conhecesse melhor do que você mesma, pois tudo o que conta é o dinheiro. E agora nós temos. De repente, percebo como todos olham para mim. Vou para a varanda, fumando o quinto cigarro, e encho a cara simplesmente até que o dinheiro finalmente tenha ido todo EMBORA. Minha existência é composta momentaneamente por ataques de tonteira e pelo fato de que ela foi meio dilacerada por uma instalação de tetas de vaselina, hiper-real, mas um pouco maldiluída por Rohypnol.

Digo:

— Assim que começarmos a fazer algo pelos outros e não para nós mesmos, nos libertamos da nossa prisão interior. Alice se odeia, mas isso é que é legal, vejo que ela está pirando e ficando cada vez mais autodestrutiva. Tenho muito medo de que um dia, de repente, eu não consiga mais raciocinar. Quero fazer tudo para poder continuar a te conhecer. Se você não quiser mais foder comigo, tudo bem. Você sumiu da minha vida. Não significa que eu vá ficar aqui o tempo todo, me autoatormentando com autorreflexões, não faço ideia, na verdade deveria existir alguma outra coisa, um momento irracional, um daqueles momentos nos quais você me encara, imóvel, com esses olhos totalmente sem cor, e sempre vejo neles que você fica pensando quantas pessoas estão agora entre nós. Você ainda se lembra disso? Como precisávamos sempre pensar quantos metros nos separavam uma da outra? E como eu te disse, em algum momento, quando finalmente ficamos a sós, o quanto aquilo era perfeito para mim? Aqueles momentos em que ficamos olhando para o mar. Que eram tão perfeitos que eu nem precisava desfrutá-los. Sinto que estou enlouquecendo. Não consigo mais distinguir entre sonhos e o que você chama de realidade. Porque tudo parece ser igual. O vento, sua pele, tudo o que é tridimensional.

Debaixo do chuveiro, gotas, que tentam atingir a forma esférica pela influência da tensão superficial, batem em mim em câmera lenta.

Ao contrário do que se supõe, uma gota d'água não tem em momento algum o formato de uma gota, aquela bosta bidimensional que é redonda de um lado e termina pontuda no outro. Para me secar, arranco um lençol turquesa de um grande cesto de roupa suja, onde ficou por dois meses com duas peças de roupa totalmente vomitadas. Será que esse vômito é de um completo desconhecido, que me surpreendeu num banheiro unissex bem movimentado? Será meu esse vômito? Será que isso me aproxima de mim mesma de alguma maneira? Pelo jeito estou realmente começando a esquecer os detalhes mais importantes.

Estou em pé no corredor, numa depressão mortal, em cima de um tapete meio verde acinzentado, imundo, coalhado de buracos de brasa e deixado ali por algum motivo incompreensível em tempos imemoriais. Meu Deus, é tudo um horror.

1. Perdi a minha história de retalhos, marcada por sexo anal, lágrimas e violação de cadáveres.

2. Estou com uma inflamação em carne viva na garganta.

3. Minha família, um monte de pessoas afundadas ainda em alguma fase onipotente da primeira infância, com mania de aparecer. Num caso mais extremo, redigem um texto pop-cultural sobre a pergunta por que a vanguarda APESAR DISSO faz a dança do ventre, mas seria só isso.

You've made my shitlist

(L7)

Eu, assim:

— Com licença? Poderia me ajudar com o frango? Não sei que frango devo comprar.

Estou em frente a uma freezer de congelados no supermercado Lidl.

Resposta da designer heterossexual de casaco de tricô listrado de azul e cinza:

— Como?

— Preciso comprar frango para o jantar e aqui tem frango para assar e frango para sopa. Não sei qual devo levar.

— Bem, sorry, mas também não posso saber se sua mãe quer um frango para sopa ou para assar.

— A minha mãe já morreu faz tempo.

— E o seu pai?

— É um daqueles babacas de esquerda, agressivo e com renda acima da média, que fazem arte o tempo todo aspirando à eternidade e que moram na Auguststrasse. Até onze prostitutas por dia, gel no cabelo, pintando melancolicamente todo dia com pilot obras de arte expressionistas compostas por ele com capas de elepês em preto e branco. À noite elas são pregadas na parede com o seu galerista, na base do LSD. A cara da vida dele é: música depressiva. The Melvins, Julie Driscoll, Neil Young. Como se não existisse mais ninguém que faça música além de Neil Young e Bob

Dylan, ele encomenda toda semana discos que custam trezentos dólares. Eu quase não o conheço.

— E onde você mora?

— Com os meus irmãos.

— E o que os seus irmãos fazem profissionalmente?

— Minha irmã se chama Annika e é uma vagabunda trapaceira da área de marketing. Meu irmão desenha padronagens para estampar artigos têxteis oferecidos por alguns sites de compra coletiva com sede em Leipzig. Ele coloca as suas padronagens à disposição numa plataforma on-line e fica esperando até que alguém tenha a ideia imbecil de querer andar por aí com um pulôver creme com capuz, no qual está estampada a seguinte frase em preto, vermelho e amarelo: "Nossas cores nacionais são uma merda". O Edmond também desenha, com a maior seriedade, camisetas que dizem "*I'm not an Alcoholic, I'm drunk — Alcoholics go to meetings!*" Ele tem trinta e dois anos, é uma mistura de Marlon Brando e, ahn, quem mais? Não faço ideia. Ele tem um dos quinhentos pares existentes no mundo inteiro do Nike Air Force 1 Pro Bowl 2007 dourado. Desempregado, abertamente arrogante, fã de Ray Davis.

If found please return to the club.

— E você?

— Como qualquer menor de idade dependente de drogas capaz de raciocinar, a minha tendência à fuga da realidade se manifesta numa exacerbada ânsia de leitura. Engulo na mesma proporção literatura de ficção esclarecida sobre psicanalistas paquistaneses e teses sobre a relação entre Moby Dick e o nacional-socialismo. A luz do dia é para ser rejeitada com um gesto de indiferença.

— Gostei muito de ter conversado contigo sobre isto!

— Legal, a gente se vê por aí!

Lembro-me da época em que, quando o tempo estava bom, fazia algo diferente e não abaixava as persianas. Abatida, dou

uma olhada num fabuloso ensaio sobre a prática da DJ-CULTURE:

A situação na pista de dança modificou-se de maneira drástica nos últimos vinte segundos. Júbilo, gritos, novos níveis de extremismo por toda parte lá fora.

— Alô, Edmond, quando você vem afinal?

— Não faço ideia, estou com o Luther agora, na loja da Alte Schönhauser, e daqui a pouco vai chegar aquela Penny que sempre tem um pó de anjo para colocar na roda.

— E quando você volta?

— Não posso dizer agora, acabam de chegar o Sei-Lá-Quem e o Kleini, você conhece, o cara com a namorada que sempre quer fazer alguma coisa... *Is it mixed by you? It's mixed like shit! Berlin is here to mix everything with everything*, cara!

— Isso é seu?

— *Berlin is here to mix everything with everything*, cara? Vou pegando coisas em todos os lugares onde encontro inspiração e que me dão asas, Mifti. Filmes, músicas, livros, pinturas, lirismo barato, fotos, conversas, sonhos...

— Placas de ruas, nuvens...

— ...luz e sombra, exato, porque o meu trabalho e o meu roubo se tornam autênticos assim que algo toca a minha alma. Tanto faz onde eu acho as coisas, o importante é para onde as levo.

— Quer dizer que isso não é seu?

— Não. É de um desses blogueiros.

— Mas quando você vem, então?

— Bem, ainda não sei direito, talvez logo.

— Quando então?

— Logo. Talvez até mesmo agora.

— Como assim, agora?

— Sim, logo, já.

— Ok, tchau.

Abro a porta do apartamento para a nossa nova diarista e na hora fica estampado na sua cara abobalhada o choque com todo aquele excesso de negligência. Ela olha para mim como se estivesse com medo de esbarrar em algum animal em decomposição.

— Por que você quer uma diarista, Annika?

— Porque é o máximo ter a roupa de cama passada e tudo mais.

— Mas você não acha uma loucura ficar com essas pessoas na sua casa?

— Sabe, Mifti, antes você era somente negligente, e agora você ficou sem noção. Dentro de dois meses, em meio a tanta falta de noção, você já vai ter esquecido até que diaristas são gente, é sério.

A senhora Messerschmidt é aposentada e trabalha doze horas por dia ilegalmente porque o seu marido é um filho da mãe encrenqueiro e fica em casa o tempo todo. Fica a pergunta se eu sei lidar com uma diarista que, depois de sessenta minutos de trabalho totalmente dedicado, já está na varanda falando sobre as suas relações familiares e sobre a minha tendência a matar aulas. Quero empregados que não falem alemão e que não me façam lembrar, com aquele olhar de peixe morto na minha direção, de como tudo é horrível, principalmente esse vestido com estampa étnica que não é passado há dois anos e também a vida, que não vai melhorar mais tarde. A roupa para passar é um capítulo à parte. A luz do dia é um capítulo à parte.

Curiosamente sei com exatidão o que quero: não me tornar adulta. Dentro de poucos anos não terei mais força suficiente para conseguir pensar com seriedade na cor da primeira capa de sofá comprada com meus próprios recursos. Vou olhar para trás com tristeza, para um processo de desenvolvimento marcado por quedas extremamente contraprodutivas. Vou me envergonhar mortalmente de tudo o que estou enfiando agora dentro deste computador, puxando a brasa para a minha sardinha, acho que é

assim que se diz. Porque então é provável que já tenha compreendido Foucault, já tenha outros parâmetros e tenha assassinado a minha família e saberei, enfim, de repente, que isto aqui, agora, que este monte de lixo formado pelos dias passados de maneira desestruturada, pelas matanças de aula e pelos lençóis suados, foi a melhor época da minha vida.

Edmond chega em casa. Trouxe cigarros e três tabletes de haxixe numa sacola do supermercado Aldi. Edmond não é apenas parecido com o Marlon Brando; montou parte importante de sua vida baseado na biografia de seu sósia — o conceito minimalista da decoração de interiores no nosso apartamento. Dois cômodos com um total de treze colchões espalhados, aos quais qualquer maconheiro desconhecido da rua tem livre acesso. Edmond acha bom dormir cada noite num lugar diferente do apartamento. No verão, sempre deixa a porta do apartamento aberta para que, de alguma maneira, esse trânsito excessivo funcione melhor. Nunca sofremos nenhum arrombamento. Aliás, nem se poderia chamar de arrombamento. Para invadir a nossa casa bastaria simplesmente passar pela porta aberta e embolsar de maneira displicente o MacBook Pro, ou coisa assim, e sair em seguida. Sem querer, certa vez Edmond abriu a porta do prédio para assaltantes para que todos os nossos vizinhos fossem roubados. Um home theater, um data show muito bem-instalado, cinzeiros e colchas com estampas de personagens de histórias em quadrinhos. Nas paredes de tijolo aparente há um pôster branco com a seguinte inscrição em letras muito pequenas: *Nowhere better than this place.*

Música de merda é sempre música de merda, e eu não acho a menor graça nisso. "Good Day" dos Kinks é bem bacana, começa com um despertador, depois vem "Patsy Cline", superestimada, "Sunday Morning" de Margo Guryan, enquanto Violent Femmes cantam "The Love Is Gone" e eu me convenço de que reconheço algum tipo de verdade nela e penso em pedaços dilacerados de

cadáveres na neve. Todas são, antes de mais nada, músicas escritas num tempo em que ainda não havia ecstasy.

É a biblioteca de iTunes do Edmond. Explico para ele que estou mais do que ótima. Ele me explica que a música "Hey Hey, My My" representa a união entre o rock antigo e o punk. E que segundo padrões universais é absolutamente primitivo justapor a palavra "cultura" à palavra "tecno" e relacionar isso tudo a um movimento juvenil que se acha alternativo, em vez de relacionar a discotecas ordinárias para playboys. Ecstasy, tecno e ver a si mesmo como uma convenção que destrói fronteiras seria muito anos 1990, assim como cheirar cocaína seria anos 1980, assim como cabelos cacheados de tempos passados são os cabelos lisos de agora.

Então eu digo:

— Mas essa convenção, como você diz, é só o que me resta.

Espalhamos os tabletes de haxixe sobre o tapete do corredor e esticamos a coisa distribuindo primeiro pão de mel esmigalhado por cima dela uniformemente. Depois fazemos bolinhas com essa merda.

— Meu Deus, olha só, estou com um tremendo calombo na pálpebra do olho, com certeza vai virar uma baita espinha! — eu digo.

Edmond está escovando os dentes, quando responde:

— Talvez vire até mesmo um furúnculo — a espuma da pasta de dente escorre, caindo em cima da sua camiseta do Christopher Kane com a cabeça de macaco.

— Seu filho da mãe!

— Karl Marx tinha sempre furúnculos na bunda e mandava que os cortassem.

— Existem mulheres que fizeram filmes de ação? Desconsiderando Karl Marx?

— Angelina Jolie. *Lara Croft*.

— Direção, idiota.

— Ah, tá, não faço ideia.

— Não existe, certo?

— É, não existe. Talvez esta seja a tua missão.

— Vou simplesmente revolucionar o filme de ação feminino.

— O melodrama de ação, por assim dizer.

— O melodrama feminino de ação.

— O melodrama feminista de ação.

— Não, o melodrama antifeminista de ação! Hoje atestaram medo de proximidade em relação a mim. Que acha disso?

— Eu digo: de onde a Mifti vem, nossos piores pesadelos são comidos no café da manhã. Onde quer que ela vá, deixa para trás um rastro de cinzas de corações queimados. Hoje ela está aqui, amanhã já foi embora. Mas, para a maioria, ela é a encarnação do choque do Sputnik em forma de mulher. Vou simplesmente te encher muito o saco.

O dia não dá uma virada decisiva. Conversamos sobre Enéas, que tem três anos. Há poucas horas ele estava bamboleando num brinquedo, dizendo para um dos seus pais:

— Não, cara, eu não quero ir para a ioga!

Minha irmã havia convidado sua mãe, enfiada num casaco de nylon bege, para comer no nosso apartamento, e ela, como se não bastasse, trouxe-o junto. Neste momento ele está brincando com um canhão feito de Lego que pode catapultar soldadinhos de chumbo pela sala. Todos esperam que eu faça para ele uma roupa de cavaleiro utilizando umas estranhas mantas de impermeabilização. Não ofereço nada além de uma imagem do caos e de dissolução e da minha aversão a crianças. Então, aquela mãe me interrompe e diz:

— Desculpe, o barulho tá te incomodando?

— Não, é só uma criança — respondo.

Comemos iscas de peixe. Enéas, vestindo a sua roupa de cavaleiro, está sentado sobre um conjunto de prateleiras baixas e espera alguma coisa.

— O que você está fazendo aí? — pergunto, sem receber resposta.

— Enéas, onde você está sentado?

— No trem de alta velocidade.

— E para onde você vai?

— Para Barcelona. Lutar.

— Poxa, Annika, não conheço ninguém, além de você, que realmente consegue dar conta de tudo!

— Muito obrigada, eu fico muito...

— É sério, você realmente consegue dar conta de tudo.

— Ah, eu apenas escolho as coisas com muito cuidado, por isso dá a impressão de que posso dar conta de tudo.

— Sim, você simplesmente consegue dar conta de tudo.

Annika é o que chamamos de uma mistura da sexóloga Beate Uhse, da feminista Alice Schwarzer e de Madre Teresa de Calcutá. Batalhou por um cargo pelo qual é admirada, é deslumbrante e prefere comer carne argentina. O lance é: ir avidamente atrás de odisseias traumatizantes no underground berlinense, usando camisetas em cores fosforescentes, infelizmente não funciona mais muito bem para ela. O pai de Enéas também veio nos fazer uma visita. Ele está sentado bem na minha frente, não dá conta do recado e não tem a menor ideia de como fingir, pelo bem daquela criança problemática, manter uma vida familiar que fracassou por causa da sua falta de inteligência e das desmedidas ambições emancipatórias da sua ex-mulher. Neste exato momento ela está contando que o seu novo caso comprou garrafas de vidro no eBay, dando um lance de quatrocentos euros.

Num passado remoto, os dois vieram tomar banho aqui em casa porque estavam em plena obra, com operários em casa. Dava para escutar, pela fresta da porta, os dois discutindo de maneira pseudoalterada sobre o feminismo, e sobre a aliança do feminismo com o patriarcado, e sobre a sexualidade feminina reestru-

turada pelos homens por meio de toda essa pornografia que, na verdade, já nem é mais sexualidade. O útero seria apenas uma criação para determinados discursos e coisas do gênero. E aquilo foi tão legal porque, enquanto discutiam, nenhum dos dois saía da banheira para se distanciar por um momento, afinal, não queriam sair andando nus pelo nosso apartamento.

Vidas terríveis são a maior das felicidades.

Quando notou que eu o havia notado, ele disse, de repente, num estertor:

— Ei, Mifti, você também esteve lá no Luther hoje, na loja em Schönhauser? Estava rolando uma balada rave sentada, um fracasso.

— Ai, não, de onde você tirou essa ideia? O Edmond estava lá sozinho e além disso eu nem sei o que você quer dizer com balada rave sentada.

— O quê?

— Como assim?

— O fuso horário e tudo mais. Você está com cara de quem está um pouco fora do fuso horário e no cigarro está tudo escrito em inglês.

— Como?

— Os cigarros, onde você conseguiu?

— Os cigarros, o Edmond que trouxe.

— Ah, tá, legal, quando eu tinha a sua idade, eu ainda não fumava, só tinha aprendido como dar um nó em balão de ar.

— Quando eu tinha a sua idade... ha ha ha.

— Ha ha ha ha ha!

Isso tudo me dá ânsia de vômito, esse enquadramento de adulto, essa conversa de que o pequeno Enéas certo dia apontou para alguém na mesa vizinha no restaurante, obrigando a mãe idiota a dizer:

— É falta de educação apontar com o dedo para as pessoas!

Então o Enéas meteu o dedo nas batatas fritas e continuou apontando impunemente o dedo junto com a batata. Não tem a menor graça, mas:

— Ha ha ha ha ha ha ha!

O celular da Annika toca. Meu pai tomou conhecimento pela senhora Pelger de que eu não vou à escola há seis semanas. Estou pouco me lixando, de verdade.

— Você não é a vítima, você é a única responsável.

— Com licença, senhor, aquela coisa está acabando de queimar!

— Conclusão do período letivo na escola? Para quê? Tenho a minha bicicleta e posso muito bem manter o meu bom humor com bons filmes franceses nos quais todos os protagonistas se entopem simultaneamente com uma merda qualquer em cumbucas de cerâmica feitas à mão e traem as suas mulheres.

20h13. Torpedo do pai, de Tel Aviv, com o seguinte conteúdo: "O que você pretende fazer agora?"
20h29. Torpedo ao pai, para Tel Aviv, com o seguinte conteúdo, altamente promissor: "Não dá mais para voltar aos pequenos delitos."
20h33. "Por que você não telefona?"
20h34. Torpedo para Ophelia na sua fase andrógina: "Sabe, quero te soterrar com amor imediatamente. Tudo. *Anytime*."

Prefácio

Cresci selvagem e vou continuar sendo selvagem. São três horas da manhã e o meu corpo, quebrado depois de tanta balada, está afundado no seu papel de vítima, à beira da morte, num banco de táxi. O motorista fala sobre o filho, que se separou da mulher depois de dez anos, e da sua própria mulher, que está saindo com outros sujeitos, e de Deus, com quem aparentemente se dá bastante bem. É por isso que ele perdoa os homossexuais por serem homossexuais, já que eles não têm culpa disso. Estou com febre, dificuldade de coordenação, um elevado teor de álcool no sangue superaquecido, e acabei concordando, pela enésima vez, em marcar um encontro num local de total descontração oportunista. É a minha respeitabilidade, é o aço e o concreto, uma enorme fachada envidraçada que pode ser fechada com portas de enrolar, meu medo da morte, da explosão da percepção e talvez, um pouco menos, também de uma forma organizada de estímulos sonoros.

Minha selvageria é uma característica peculiar. Posso fazer o que quiser e satisfazer as minhas funções, ou simplesmente deixar pra lá.

É perigoso fazer o que eu quero, pois isso me deixa realmente vulnerável. Deixar pra lá é completamente impossível. É por isso que minto para você. Digo:

Neste caso, trata-se, acima de tudo, de princípio.

Tenho dezesseis anos e no momento não estou em condições de fazer nada além de, apesar do cansaço colossal, querer estabelecer relações que não tenham nada a ver com a sociedade em que desempenho o papel de aluna depressiva. Estou em Berlim.

Trata-se das minhas paranoias.

Incrível, estou aqui novamente, no alto de saltos de nove centímetros e cor de conhaque, sujeitando-me a toda essa merda. Zona industrial, claro. De longe se vê uma antiga usina termelétrica; ali o lance é se sujeitar, em menos de meia hora, a esta pulsão pelo autoesquecimento. Percorro um caminho cercado por luzes de néon que, apesar de ser considerado o mais maneiro do mundo, por algum motivo inexplicável nunca me interessou. Acho a minha crise dissociativa de identidade bem mais interessante do que tudo o que esta cidade me vomita na cara o tempo todo. Diante de um chefe de segurança, um gorila chamado Syd e que tem três metros de altura, ajo como se estivesse na lista de convidados de um barman, que durante o dia procura representar os aspectos perturbadores do nosso mundo urbano com desenhos contemporâneos feitos a carvão. Furo assim uma fila quilométrica, de gente de vinte e três anos muitíssimo bem-vestida, que tem relações familiares regulares, aos olhos de quem não sou gente, sou apenas malvestida e instável. Incontinência verbal. Recebo os maiores impropérios. Sou uma boceta que age de forma sacana e imoral e devo tomar um rumo na vida, velho.

A pergunta da noite:

— Oi, o que está rolando por aqui?

A resposta da noite:

— Oi, aqui não está rolando nada.

Resultado da noite:

— Sinistro, sem fila, o táxi está esperando lá atrás, por toda parte orientações da Organização Mundial de Saúde.

Do lado esquerdo, olhando da mesa do DJ, fica um comprido balcão de bar, atrás de uma parede de vidro, e diversas opções de lugar para se sentar; do lado direito, atrás da pista de dança, fica um dos

chamativos *darkrooms*. Até onde a vista alcança, gente pseudoestuprada de vinte e poucos anos tenta dançar até a alma sair do corpo. Me sento numa poltrona de couro, sem me impressionar com qualquer desses estilos musicais absurdos, e, depois de apenas dez minutos de uma merda de uma diversão nada espetacular, me fazem a pergunta mais importante da noite. Pé direito de dezoito metros, duas mil e quinhentas pessoas e a soropositiva Ophelia, com quem combinei um encontro na entrada. Ela está com um visual tão arrasador quanto anoréxico, usando uma jaqueta de aviador semiaberta, sem nada por baixo, leggings pretas e sandálias Lanvin de cetim com saltos espelhados. E eu só falo merda na hora de cumprimentá-la.

— O importante é que uma silhueta sóbria qualquer acabe sendo transformada em algo indispensável, não é mesmo, querida? Elegância clássica e tradicional.

— Eu entraria em qualquer roubada por você, Mifti.

— E o caimento adensado de uma cortina de seda cobre a maior parte do teu corpo.

— Eu gostaria tanto de estar alegre hoje.

— Mas faz calor demais aqui dentro.

Aí então, em algum momento ela pergunta, fazendo um gesto na direção do banheiro feminino:

— Você está vendo aquele cara ali na frente?

Era exatamente o cara cuja presença havia me impedido de passar correndo, autoconfiante, até a máquina de vender cigarros. Só para variar, nenhum desejo sexual foi despertado, apenas alguns ataques emocionais de simpatia, porque ele é tão fofo, tão sem barriga e parece ser tão gato, ao contrário de todos aqueles hippies chauvinistas fora de forma que estavam ali. Eu só falo um monte de merda sem inspiração mesmo.

Ophelia diz:

— Ele tem ecstasy.

Sem ligar para o fato de que ela esperava que eu me saísse com uma tirada de efeito, vou na direção do cara.

— Você poderia nos arranjar dois?

— Ahn...

— Desde quando somos bons amigos?

— Ahn?

— Dá só uma olhadinha nos saltos das sandálias de tressê que a minha amiga está usando. Muito louco como eles são espelhados.

— Então você também se interessa por moda?

— Parece?

— Só esse casacão, isso é realmente... junto com esse cinto, quer dizer. É conjunto?

— Não.

— Quer dizer que você montou isto?

— Sim, quer dizer, não. Eu gosto disso nos homens também, quando usam ternos e coisas assim. Ministros ingleses que deixaram seus cargos, por exemplo, acho até legal.

O cara olha para a minha saia de poliéster rasgada e me pede duas de cinco. Tiro dinheiro do meu sapato e pareço tanto perturbada quanto excitada enquanto o faço. Ele me passa os comprimidos mais discretamente do que seria necessário e olha para mim como se eu fosse a pessoa mais sensível do mundo.

Eu pergunto:

— Tá a fim de sexo oral?

Ele responde:

— Quantos anos você tem? Sessenta e três?

Com isso, sou mandada de volta para a temporada de tristeza que não quer acabar mais.

Ophelia é extremamente atraente e, como ela só, uma fleumática heroína de ação. Quando procuro Ophelia, em geral encontro-a junto com uma lâmina de barbear, diante de um espelho de corpo inteiro, e aí ela está completamente acabada. Quando passa mais de seis horas sem consumir drogas, e por isso quase morrendo de um ataque histérico, ela tenta se livrar ali mesmo da sua musculatura facial. Nos conhecemos porque, apesar de estar na faixa mais alta do imposto de renda, ela trabalha ocasionalmente

em cantinas escolares devido a uma imperiosa e urgente necessidade de aproximação com a realidade.

— Eu quero essa polenta com espinafre e você pode me servir o macarrão da outra panela no lugar das batatas, por favor?

Ela:

— De que panela?

Eu:

— Da segunda ou terceira à esquerda, ali em frente.

— Era só ter apontado para ela.

— E a sobremesa?

— Você já pegou sobremesa.

— Eu definitivamente ainda não peguei a sobremesa, acabei de entrar aqui porque estava tendo aula de ciências sociais no terceiro andar.

— Apesar da porra de ciências sociais, você acabou de pegar uma sobremesa aqui, baby!

— Não!

— Eu simplesmente não posso ficar correndo para lá e para cá, arremessando na cara de cada adolescente quarenta merdas de pudins de baunilha pelos quais ninguém pagou. Como devo lhe chamar agora? Punheteira impotente?

— O que a senhora está dizendo?

— Cala o seu bico, sua criança de merda espertinha.

— Levante-se, vagabunda, e curve-se.

— Como?

— LEVANTE-SE, VAGABUNDA, E CURVE-SE!

Ophelia atirou uma colher grande cheia de suflê de trigo sarraceno em mim. Eu atirei nela o pudim de baunilha da minha colega de classe, Olivia Stutter. Ela esvaziou na minha cabeça uma porção de espinafre calculada para duzentos alunos do sétimo ao décimo ano, e todo aquele excesso foi se esparramando, enquanto o contato visual era mantido. Evocamos ali um canal entre nós duas, através do qual era possível nos encararmos mutuamente, como se nos amássemos.

Ela me disse que seria o espelho perfeito dos meus verdadeiros desejos. E eu simplesmente aceitei aquilo, gravei no telefone o número de telefone dela, dei-lhe ouvidos quando ela disse que eu tinha que jogar fora, urgentemente, algumas peças de roupas das quais ela não gostava, e lhe respondi que estava morta.

— Você pode contar com o fato de que vão lhe ferir espiritual e fisicamente neste mundo.

Isto tudo pode soar bastante inverossímil, mas foi assim mesmo naquela ocasião.

De: Ophelia
Para: Mifti
Assunto: *Go Away Fuck Yourself*
Data: Dom., 4 de novembro de 2007, 22h12

Preciso te contar o meu sonho. Você vai gostar. Queríamos nos encontrar e era para eu ir até o teu apartamento. Uma enorme construção antiga. Escadarias espelhadas. Vinte portas por andar. Cheguei a fazer um desenho dela, pena que não possa te mandar escaneado. Subi a escada. Alguns cachorros arrancavam pedaços dos restos de carne da carcaça de um burro. Estava relativamente escuro, porque havia apenas uma pequena janela em todo o corredor. Num canto havia uma mesa com cadeiras. Olhei em volta e percebi que aquele basculante cagado pelos urubus era do teu apê.

Fiquei curiosa porque havia uma porta destrancada, quer dizer, a fresta entre a porta e o caixilho era muito grande e eu consegui olhar através dela. Abri a porta e vi um quarto pequeno com uma pequena cama de metal, sobre a qual estava deitado um velho inteiramente coberto com feridas purulentas. Ele se moveu, pois me escutara. Saí do quarto. Uma menina saiu por uma porta dupla. Não sei ao certo se era você, mas se parecia um pouco contigo; ela foi até a pia e lavou as mãos. Não me atrevi a perguntar quem ela era, pois tinha me esquecido do seu nome. Eu não sabia mais se você se chamava Ute ou Uta. Em algum momento

perguntei se ela era Mifti. Ela respondeu antipática: Não, ela está lá dentro.

Era a moça que divide o apartamento contigo. Ela se chamava Claudia.

Fomos até o banheiro, onde havia uma penca de gente usando sandálias feitas de pneus de automóveis, todas elas em tão péssimo estado quanto o cara em cima da cama. Você convidara várias pessoas e eu pensei: essa aí realmente é perturbada! Todos se esforçavam para chamar a tua atenção. Duas mulheres chegaram a entrar nuas na banheira para te impressionar. Todos os outros, eram pelo menos umas sete pessoas, ficaram de pé em volta. Eu simplesmente segui em frente sem ter conversado com você. Você parecia estar no limite. No próximo cômodo, que era incrivelmente grande, estava acontecendo uma orgia. Um homem ficou de quatro na minha frente e arrebitou a bunda na minha direção para que eu o fodesse. Para fazer isto, de repente fiquei com um pau de papelão, mas que era bidimensional, assim como a camisinha que eu tentei colocar nele. É claro que não deu certo. Fim.

De: Mifti
Para: Ophelia
Assunto: RE: *Go Away Fuck Yourself*
Data: Seg., 05 de novembro de 2007, 00h12

E como você interpreta isto então?

No meu último sonho eu voei sobre o Amazonas num helicóptero inflável de plástico. Depois de pouco tempo, porque estava anoitecendo, tivemos que fazer um pouso de emergência na floresta tropical e o meu irmão disse: — Agora você pode decidir se vai se vestir ou não. Então alguém gritou: — Oh, uma serenata! — e nós vimos um hotel enorme e vazio, com piscina e quadra de squash. Todos os passageiros passaram o tempo deitados em cima de tetos de carros, bêbados de cair, discutindo sobre alcaloides tropanos. Alice também estava lá.

Ela não era gente. Colocou o seu rosto no lugar, alisou carinhosamente as costas da minha mão e me fez recordar o que ela e eu realmente somos – indivíduos verdadeiros, ou como são chamados, numa sociedade verdadeira, com desejos verdadeiros, que não podem ser assim tão facilmente descolados do nosso corpo verdadeiro. Você estava deitada debaixo de uma grande palmeira e ficou acenando para mim o tempo todo. Segui na sua direção, mortalmente arrasada, não consegui mais falar, e você sussurrou: — Mifti, você está num país estrangeiro, se comporta como se fosse o primeiro ser humano, e é claro que você é sensível demais.

De: Ophelia
Para: Mifti
Assunto: *Go Away Fuck Yourself*
Data: Seg., 05 de novembro de 2007, 06h28

O fato de eu não saber o teu verdadeiro nome no meu sonho é um reflexo da minha superficialidade. Eu não ouço atentamente. O fato de você ter convidado tanta gente, ou mulheres, ao mesmo tempo, vem da minha percepção subjetiva do tipo de gente que você é. Acho que você é alguém que procura chamar a atenção com extremos, que é egocêntrica e que arremessa os seus problemas ou o seu íntimo na cara das pessoas para se libertar a curto prazo, e que curte as reações e precisa delas. Uma pessoa que age como deve agir, mas também uma vítima a quem eu fodo no final. Cômico, não? E olha que eu nem te conheço assim tão bem. Eu te encontrei hoje à noite numa premiação. Você estava usando o seu casaco de camurça e ia para o elevador quando me viu. Eu gritei: — Mifti, eu te odeio! — Você gritou: — *But why*? — Eu gritei: — Para você, com o teu zoom de 24x apontado para a Alice, todo tipo de amor baseado em reciprocidade é muito exagerado! Por que é que outras pessoas não podem entrar no seu maldito campo de visão?

Nas aulas de matemática comecei a desenvolver nada mais do que o próximo sonho que pudesse ser descrito de forma espetacular. Eu não consegui desenvolver um raciocínio para fórmulas binômicas ou para o fato de que se pode dar nomes aos ângulos em funções trigonométricas. A única coisa que desenvolvi foi um amor por adjetivos que deixa todo o resto na sombra.

De: Ophelia
Para: Mifti
Assunto: RE: Sem assunto
Data: Sáb., 19 de janeiro de 2008, 10h28

É possível que tudo se reduza a química ou biologia? Neste caso, o sentido de se apaixonar seria apenas o da reprodução? Então, por que eu geralmente me apaixono apenas por mulheres? E apesar disso ainda quero sexo bruto com homens? Nos últimos tempos, volta e meia tenho lido um livro sobre assassinos em série e creio que a minha sexualidade tenha se modificado em função disso. Tudo está descrito, e existem coisas nas quais nunca havia pensado na minha vida. Em noventa por cento dos casos trata-se de sexo. Creio que todas as guerras são por causa de sexo. Na verdade, toda essa fornicação é uma coisa muito egoísta. Queremos ser desejadas; queremos dar prazer ao outro, porque nos dá prazer poder fazê-lo. Queremos ser sexies ou agradar ao outro. Queremos um orgasmo. Às vezes, quando durmo com alguém, talvez os gemidos não sejam verdadeiros. Mas talvez sejam. Será que exageramos? Acredito que esta pulsão animal inicial (quando geralmente não reflito) só existe para conectar um ao outro. A natureza provavelmente tramou dessa forma. Então eu posso fazer legalmente certas coisas que só faria comigo mesma. Em algum momento eu amei, com todos os poros e totalmente brega e melosa, e então parei de pensar. Que libertação. Pois não foi somente um reflexo, foi de repente implodir e amaciar. Amaciou tanto que eu só conseguia sorrir, pois não sentia mais nada além

de estar derretendo. E a partir daí não foi mais uma coisa animal, e sim divina e sexy. Você deveria parar de se entregar a esses caminhoneiros e somente deixar que alguém que você ame te morda a nuca, pois com todos os outros, na verdade, você provavelmente será um tipo de animal. O que, de qualquer maneira, você é. Mas isso tudo também não importa.

Agora subo numa escada de aço ao lado da Ophelia e ela vai se regozijando discretamente com a sua existência fotográfica patenteada, com uma visão própria e propostas para toda essa merda em preto e branco. Ela diz sempre que não conhece mais cor alguma desde que adoeceu. Simplesmente ficou daltônica. Li há algum tempo uma entrevista com David LaChapelle e entendi que essa história de daltonismo veio dele. Quando se pergunta a ela sobre as suas fontes de inspiração, as coisas quase sempre ficam abstratas. A estepe africana, frias serpentes aerodinâmicas e ela usando jaquetas da Jil Sander que se refletiam no chão, junto com telefones em forma de cheeseburgers, de onde sai um chacal de pelúcia coberto com sangue de porco, ou coisa parecida. Pois ela é uma artista. E detesta pessoas maçantes, pelas quais é parada e incomodada na rua. Ainda mais abomináveis do que a riqueza são esses semiartistas hipócritas que reivindicam ser a escória absoluta e que riem de todas as heranças que possuo. Guardanapos de seda, colares, nem ao menos faqueiro de prata, somente duas colheres de prata. Nenhum crítico sabe o que significa atirar, dia após dia, a própria dignidade nas fuças de pessoas decrépitas, só por dinheiro, porque volta e meia, de maneira simples e comovente, se precisa de dinheiro. — O problema deles, desses críticos — diz ela sempre —, não é nem ao menos a arrogância, ser arrogante é algo meio aristocrático. O pior é essa burrice, ou talvez nem a burrice seja o pior, o pior é a preguiça. Faz-se uma declaração, e isto é neutralizado ou enfraquecido quando de alguma maneira, eu também não sei como, se patologiza ou psicologiza, ou se rotula como coisa involuntária, por pura preguiça. Mas

toda esta anarquia não é um equívoco, foi idealizada exatamente assim, entende?

Em princípio nós só andamos lado a lado para algum lugar quando não somos obrigadas a falar uma com a outra.

Dividimos drinques e isso é um supermomento, eu nem sei por que, me sinto num repente soterrada pelo amor que tematizei num torpedo para ela algumas horas atrás. De um sofá de alvenaria nos acenam duas sombras histéricas, cuja presença classifico como ameaçadora. Ophelia me apresenta como seu amigo mais estável um gastrônomo hardcore, cinquentão e com renda acima da média. Repito outra vez: sofá de alvenaria. Ele me cumprimenta, com uma mancha de banana na sua camisa preta e sapato esporte colorido, trazendo uma menina de vinte anos pela mão, que se chama Gloria, e que ou é limitada intelectualmente ou está a fim de um casaco de peles.

— Não diga em hipótese alguma para essa vestibulanda de merda que o cara com o qual ela está aqui parece que vai perder, depois de amanhã, todo o seu império gastronômico jogando pôquer. Ok, Mifti?

— Hein?

— Cara, eles vão se casar dentro de quatro semanas, e o Thomas aposta todas as noites, sem olhar as suas cartas antes, tudo aquilo que faz com que ela o ame. Em alguma merda de jogo promovido por uma transexual que usa um colar feito de garras de animais, na barragem dos construtores navais. *Blind All In*, é assim que chamam. Essa caveira ali, por sinal, é o anel de noivado.

Sou excluída à força e vou andando obediente atrás dos dois ícones de merda meio superestabelecidos, supersensível e desequilibrada, até a área de fumantes.

Gloria me faz segurar a sua bolsa Hermès original de pele de bezerro azul-clara, ajeita o seu cardigã Margiela, troca os seus jeans da Acne por uma minissaia de flanela do Marc Jacobs, e Ophelia sussurra para mim:

— Como é que alguém pode se vestir de forma tão sem imaginação, Mifti?

De repente falamos sobre o montinho de falafel que Ophelia vomitou no chão da sua cozinha poucas horas antes, e ao mesmo tempo engolimos nossa mercadoria bem casualmente. Thomas nos oferece duas carreiras de quetamina, que é usada na veterinária como anestésico, e que em doses pequenas altera o estado de consciência. Ele diz:

— Sabe o que você vai dizer depois para os seus colegas de escola, Mifti? Que a quetamina significa a total dissolução da própria existência, quatro anos de coma e terríveis espirais cerebrais. E além disso significa DANÇAR na maior pilha o tempo todo, tanto faz quem você seja ou onde esteja.

Gloria diz:

— Mas isto é um absurdo de grotesco, como vocês são duma estupidez abissal! Isto é para emergência, trata-se de um anestésico, isto pode, como vocês talvez imaginem, anestesiar! E quando vocês estiverem anestesiados, não vão mais respirar. E se vocês não respirarem mais, o oxigênio de vocês vai acabar em algum momento. E isto é ruim.

A coisa queima infernalmente no nariz.

E esta é a minha vida.

Ela apresenta uma estrutura cristalina e fina, é translúcida e de uma consistência fortemente dependente da temperatura, é desfocada, é um tanque submarino que vaza, do qual é preciso escapar o mais rápido possível, e de repente se mergulha quinhentos metros abaixo do nível do mar, passando por um grupo de perigosas espécies de peixes predadores de tamanho desproporcional. Resolvo, de agora em diante, afastar cada momento de lucidez com quetamina ou com a frase: — Uísque e soda meio a meio, por favor! — Mundos intermediários são minha única referência frente à realidade, posso quase dizer que à verdade, ah, e, depois de uma rigidez tolerante de anos, o acesso absoluto à vida. Não

vejo nada além de ondas azul-escuras, algas e cachalotes ocres com mandíbulas bem abertas. Sempre que estou quase entrando no vão entre os dentes de um desses cachalotes e por isso com a firme certeza de estar morta dentro de poucos segundos, por um tempo tudo fica preto diante dos meus olhos. Não sei se estou deitada ou de pé, ou ainda no colo do sem-teto cabeludo e pobretão que adormeceu com o peito descoberto num dos nichos acolchoados projetados para transar. Vejo, em primeiríssimo lugar, uma amedrontadora multidão de silhuetas pretas. Depois vem na minha direção uma mulher obesa, com um collant de látex de corpo inteiro, conduzindo três pessoas enfileiradas, meio assexuadas, para passear pelos espaços, e que me oferece um guardanapo.

Eu pergunto: — A senhora poderia me passar rapidinho essa jiboia? — Meu campo visual está preenchido por uma inflamação aberta na garganta do peixe e através dessa cavidade bucal, nado. Fecho os olhos, abro-os novamente e me encontro com a Ophelia e dois estranhos numa cabine de banheiro quadrada. Assim que tomo consciência do meu corpo e que consigo pensar com independência, a minha memória imediata e a memória de longo prazo não entram mais em acordo. O passado e o presente se esvaem, a garganta do peixe predador e o meu entorno histérico se desvanecem mutuamente, a minha percepção de tempo se transforma num grande campo de recordações amontoadas. É uma experiência próxima da morte, eu entro em pânico, me convenço de que esse estado não tem a ver com a minha morte iminente, mas com processos neurotransmissores nos lobos temporais do meu cérebro. Ophelia está de pé sobre o tampo do vaso sanitário para arrumar três carreiras de *speed* em cima da divisória da cabine ao lado. Enquanto isso ela atira, sorridente, primeiro o seu cinto e depois um dos seus sapatos por cima da porta da cabine. Não consigo mais distinguir os graves que saem do melhor sistema de som da Europa das pancadas na porta dadas pelos que estão do lado de fora. Nada mais me resta, a não

ser dançar num espaço exíguo com o meu estilo de dança absurdo e redescobrir a cada segundo, em condições agonizantes, em qual batida se deve deslocar involuntariamente o ombro esquerdo. Tenho a minha própria mão, pernas próprias e um sentido de equilíbrio próprio. Eu me debato pelas paredes de aço e pela desmesurada neutralidade de uma situação que, objetivamente, deveria ser classificada como "inadequada". Como disse: aço. Poças de vodca, pedaços de corpos, bocas, cabelos, suor, pintas nas axilas, uma fox terrier tatuada no antebraço de uma estagiária de RP, carne crua e luz estroboscópica.

— Ai, que merda, dá uma olhada nas tuas pupilas!

— Sim, obrigado pela conversa e tal.

O cara do ecstasy de antes está metido agora num moletom azul aveludado e me espreme contra a parede, mascando chiclete, como se estivesse num daqueles clipes musicais de rock balada.

Eu grito:

— Ei, caaraaa, sai daí, por favor!

— Posso lhe fotografar?

— Vai se foder!

— Me deixe fotografar as suas pupilas rapidinho, por favor!

— Não, sai, sai!

— Você não conhece aquele filme, *Romance*? Como é que podemos nos amar quando há uma mesa entre nós?

— Conheço *O Último Tango em Paris*, em que aquela garota atira de repente no Marlon Brando, e então ele cola, pouco antes de morrer com aquele buraco na barriga, o seu chiclete embaixo da balaustrada da varanda. *Yes, yes, yes*.

— *How do you like the music*?

— *I love this club but I don't love Berlin*!

— *Right answer!*

— Você sempre fala em inglês quando está com vergonha?

— Sim, cara.

Ele tem cílios curtos e olha triunfante o meu rosto. Seus olhos brilham como se estivessem olhando para um aguaceiro no qual

se refletem simultaneamente todas as fontes de luz disponíveis de Berlim. Alguma coisa que só ele consegue ver se expande, um outro mundo. Tento, com uma seriedade que crava os fatos no solo e no chão, evitar que o meu corpo caia nos vãos entre os dentes de uma pessoa que está na minha frente. Na noite de hoje duas mil e quinhentas pessoas utilizaram anfetaminas para ficar acordadas e narcóticos para voar.

8h26: Ophelia está ao mesmo tempo num tédio fatal e feliz por me reencontrar, mesmo que dormindo, embora intacta, na ponta de um dos balcões. Ela me pergunta com a maior seriedade se não deveríamos nos sentar um pouco. Fique de joelhos, *sweetheart*, e beije o chão. Nada falamos ao sentar na poltrona de couro escolhida por ela, somente um entreolhar sério e elegante, fazendo de conta que a comunicação também pode funcionar com perfeição pela tolerância ilimitada do silêncio mútuo.

— Vam'bora? Isto aqui tá um saco.

— Sim.

— O que você estava vestindo quando beijou Alice pela primeira vez?

Só consigo vencer pela vigésima quarta vez a caminhada de volta para casa imaginando, a cada passo, estar sendo baleada.